

A IMPRENSA GAY DO CIRCULO CORYDON EM PROL DA CIDADANIA HOMOSSEXUAL ¹

Vinicius FERREIRA Ribeiro Cordão²
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O presente artigo busca perceber como as publicações jornalísticas do Circulo Corydon, *Jornal do Gay* e *Gay News*, se posicionavam com relação aos direitos dos homossexuais. Através da pesquisa histórica analisamos o modo como os gays foram enquadrados pelos jornais. O resultado da pesquisa aponta que as publicações reivindicavam o lugar de cidadão para o homossexual por meio da normatização do corpo gay. Os periódicos representavam um modelo ideal de homossexual que toma como base de matriz para a subjetividade o imperativo heterossexual. A imprensa gay do Circulo Corydon adota como lugar de fala o que Fry (1982) identificou como regime igualitário da homossexualidade.

Palavras-chave: História do Jornalismo; Imprensa Homossexual; Cidadania Homossexual; Circulo Corydon;

Introdução

A luta por direitos plenos para os homossexuais vem ganhando cada vez mais projeção na sociedade. Nas últimas décadas se tem alcançado resultados positivos nas disputas por ressignificação com as três instituições que historicamente atribuíram aos LGBTs³ o papel de pecadores, anormais e delinquentes. O Papa Francisco vem defendendo o acolhimento dos homossexuais na Igreja Católica, a Organização Mundial da Saúde não considera mais a homossexualidade como doença desde 1990 e o Supremo Tribunal Federal autorizou o casamento entre pessoas do mesmo sexo em todo o território nacional.

As conquistas recentes vêm acompanhadas com o aumento da intolerância por grupos radicais e por crimes de ódio. Líderes neopentecostais midiáticos e políticos da direita conservadora vêm sistematicamente promovendo o discurso de detração a todos os corpos que não se enquadram na heteronorma. Projetos para criminalizar a homofobia,

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista pela Universidade Federal do Piauí e mestrando em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faz parte do Núcleo de Pesquisa em Estratégias de Comunicação (Nupec) e do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação (NUJOC). Colaborador dos projetos Memória do Jornalismo Brasileiro e Memória do Jornalismo Piauiense. Bolsista Nota 10 da Faperj, email: viniciusf.c@hotmail.com .

³ Lésbicas, Gays, Bissexuais Travestis, Transexuais e Transgêneros.

como a PLC 122, são barrados pela bancada evangélica enquanto a cada 27 horas um homossexual é morto no Brasil, segundo dados do Grupo Gay da Bahia.

A homossexualidade nunca foi considerada crime pelo Código Penal Brasileiro, ao contrário de diversos outros países ocidentais. No entanto, a não tipificação do delito não assegurou a população LGBTs o status de cidadão. Parte dos seus direitos ainda são negados, enquanto, a manifestação pública de qualquer prática atribuída a homossexualidade pode provocar reações de extrema violência (Macrae e Fry, 1985, p.66-67).

No Estado democrático de direito todos os indivíduos deveriam possuir uma igualdade básica assegurada pelo Estado, independente de sua classe social, raça, ou preferência sexual, o que possibilitaria o bem estar social. Bobbio (1992, p. 61) salienta que "o indivíduo tem, em face do Estado, não só direitos privados, mas também direitos públicos. O Estado de Direito é o Estado dos cidadãos".

Existe, entretanto, uma discrepância entre os direitos assegurados na teoria e a prática em que é cada vez mais perceptível a violação ou negação dos direitos humanos, principalmente a dos grupos minoritários. Isso ocorre pois, apesar dos efeitos de sentido que circulam as palavras política, Estado e democracia serem hoje universalmente desejáveis, elas são, em sua origem instâncias de um projeto civilizatório europeu que não possui "nada de 'natural' na política- nem na cidadania, nem na democracia- e muito menos no Estado, que é uma realidade histórica [...] Isto implica *poder*, ou seja, uma relação assimétrica de forças"⁴ (SODRÉ, 2006 p.140).

Os homossexuais são privados de seus direitos pois em principio não são reconhecidos plenamente como sujeitos, como nos auxilia pensar Butler (2015). A compreensão da homossexualidade vem sendo regida pelo discurso da religião, do direito e da saúde como sendo pecado, delinquência, desvio e anormalidade. O gay, a lésbica, a travesti e o transgênero são nessa lógica o não ser já que a ontologia do ser é formado por tudo aquilo que suas práticas não representam.

A homossexualidade seria dessa forma, como afirma Preciado (2014, p.30), um "acidente sistemático produzido pela maquinaria heterossexual". É necessário destacar que se trata de um acidente necessário para o funcionamento da engrenagem, pois, a homossexualidade assim como todas as outras práticas tidas como anormais ou antinaturais são estabelecidas como o que deve ser negado a identificação, reafirmando assim, as

⁴ Grifos originais do autor

práticas ao qual se pretende naturalizar. Este jogo entre permitido e interdito é o que faz do homossexual um corpo abjeto.

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas "inóspitas" e "inabitáveis" da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob signo do "inabitável" é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito (BUTLER, 2013, p.155)

O reconhecimento do homossexual enquanto abjeto perante ao imperativo heterossexual não significa simplesmente a identificação das estratégias de poder que incidem sobre estes corpos, os pondo a margem. Para Butler (2013), o conceito de abjeto deve ser utilizado como tecnologia para provocar uma revolução dos padrões de gênero. As zonas abjetas teriam uma função gregária com potencia para desenvolver uma agenda política capaz de causar a inversão das posições hegemônicas. O conceito demonstra também que as tecnologias de gênero não exercem somente a função de dominação, podendo ser utilizadas igualmente para a desconstrução.

As ações empreendidas pelo movimento homossexual brasileiro da década de 1970 são um exemplo de reação da zona abjeta. Gays se uniram para sistematicamente ressignificar positivamente uma identidade homossexual pública. Essa geração de militantes promoveu a discussão sobre os preconceitos de gênero e conquistou espaços públicos para a prática da homossexualidade (Pereira, 2014).

O papel desempenhado pela imprensa gay merece destaque entre as ações de mobilização pelos direitos dos homossexuais. Em estudo anterior já havíamos apontado que o *Lampião da Esquina*⁵ "possibilitou a formação de um movimento social que deu início a militância gay organizada, como o grupo *Somos*" (FERREIRA, 2015, p.8). Contudo, o papel de destaque assumido pelo jornalismo do *Lampião* e pela militância do *Somos* levou ao silenciamento, nos trabalhos históricos, sobre a participação de outros atores sociais, como denúncia Facchini (2003).

Dessa forma, buscamos na presente pesquisa auxiliar a preencher parte das lacunas sobre a história da imprensa homossexual brasileira abordando o posicionamento da produção jornalística do *Circulo Corydon*, o *Jornal do Gay* e o *Gay News*. Nossa análise

⁵ O *Lampião da Esquina* é um símbolo da primeira onda do movimento homossexual brasileiro. Produzido no eixo Rio-São Paulo por intelectuais e jornalistas a publicação ganhou destaque nacional, sendo o primeiro jornal que circulou por todo o país. A publicação circulou por 3 anos tendo periodicidade mensal. Seu lançamento ocorreu em abril de 1978 e sua última edição data de junho de 1981.

foca em como os periódicos posicionaram o homossexual dentro da dinâmica social, nas edições que circularam entre 1978 e 1980.

Partimos da hipótese de que as publicações reivindicam o "sair das sombras" no qual a homossexualidade foi relegada historicamente para enfim emergir a figura do homossexual cidadão. Buscamos assim, perceber os enquadramentos dados aos sujeitos LGBTs nas relações de poder presentes nos enunciados do jornal.

Jornal do Gay e o ideal do homossexual cidadão

O conceito de cidadania que advém das sociedades grega e romana, tomou as feições ocidentais contemporâneas na Europa do século XVII quando passou a ser compreendida como "um status concedido àqueles que são membros de uma comunidade. Todos aqueles que possuem o status são iguais com respeito aos direitos e obrigações pertinentes ao status" (MARSHALL, 1967, p. 76). Enquanto cidadãos, os sujeitos sociais teriam assegurados, como aponta Marshall (1967), direitos políticos, sociais e civis que garantiriam a participação nas decisões políticas, condições mínimas de seguridade social, além de liberdade e igualdade.

As três dimensões de cidadania apresentadas por Marshall (1967) para se tornarem legítimas socialmente para os cidadãos são perpassadas pelo direito à comunicação, sobretudo na sociedade contemporânea onde é através das mídias que se torna possível o eco social. Dessa forma, o direito à comunicação, que havia sido garantido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, se constituiria, ao mesmo tempo, "em direito civil - liberdade individual de expressão; em direito político - através do direito à informação; e em direito social - através do direito a uma política pública garantidora do acesso do cidadão às diferentes formas de comunicação mediadas tecnologicamente" (LIMA, 2011, p.6-7).

A luta pela afirmação da cidadania homossexual começa a ocorrer no Brasil entre os anos de 1960 e 1970. Ao longo destas duas décadas surgem no país a imprensa e a militância gay que promoveram a discussão e a afirmação dos ideais do movimento homossexual⁶. Entre as pautas dos militantes destacamos a reivindicação por um novo

⁶ Utilizamos ao longo da pesquisa o termo movimento homossexual seguindo a delimitação conceitual proposta por Facchini (2003). Para a autora a expressão faz alusão ao "conjunto das associações e entidades, mas ou menos institucionalizadas, constituídas com o objetivo de defender e garantir direitos relacionados à livre orientação sexual e/ou políticas, individuais que se reconhecem a partir de qualquer uma das identidades sexuais tomadas como sujeito desse movimento" (FACCHINI, 2003, p.84)

sistema de visibilidade que seria responsável por impulsionar a conquista de um espaço social enquanto cidadão para a população LGBT.

O *Jornal do Gay* - Noticiário do mundo entendido- foi lançado em 1978 em meio a explosão do *Gay Power*. Com sede em São Paulo o jornal era editado pelo *Círculo Corydon*, com edições mensais e circulava em todas as capitais brasileiras, segundo seu expediente. A publicação teria como propósito "estimular o debate dos problemas gays mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo"(JORNAL DO GAY, 1978, p.2).

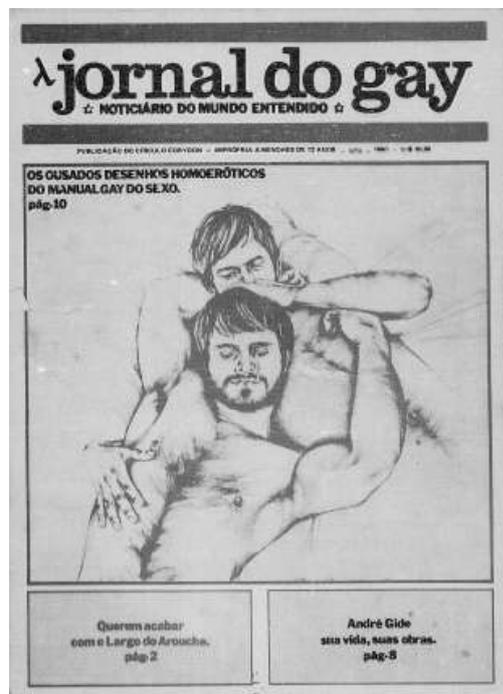


Figura 1: Foto da capa da edição nº6 do Jornal do Gay de 1980.

O Circulo Corydon, responsável pela publicação do jornal, foi fundado em 1 de março de 1978 por um grupo de gays brasileiros e tinha como diretor Antonio Massaro Kirihara. O nome da associação faz referência a um belíssimo pastor da mitologia grega a quem os poetas dedicavam os sonetos e odes. Corydon também faz alusão ao livro homônimo de André Gide⁷ que é considerado um manifesto pioneiro em favor da homossexualidade. A entidade se autodenominava de "filantrópica e cultural" e possuía diversos departamentos e serviços, sendo eles:

⁷ André Gide (1869-1951) foi um escritor francês assumidamente homossexual que defendeu os direitos dos gays em suas obras. Para saber mais sobre a relação da obra do autor com a homossexualidade recomendamos o artigo de Betancur (2015).

Clube Mundial de Correspondência Gay - Mantemos correspondência com irmãos e irmãs gays em vários países do mundo. **Departamento Fotográfico Corydon** - Envia aos interessados, mediante prévia solicitação; as mais belas fotos de nus artísticos masculinos. **Corydon Tur** - São organizadas, para os gays, excursões e passeios. **Clube de Cinema Gay** - São exibidos, aos associados, filmes com temas gays. **Central Gay de Informações** - Mediante circulares periódicas, informa aos associados sobre os principais acontecimentos gays mundiais. **Livraria Corydon** - Oferece aos interessados a mais importante literatura ou modernos tratados sobre o homossexualismo. **Departamento de Relações Humanas** - Aconselha, orienta e valoriza os gays. **Central Brasileira de Arte Gay (CEBAG)** - Vai reunir os trabalhos homoeróticos de todos os artistas gays, em exposições periódicas. **Intercâmbio de Hospitalidade Gay** - Gays de diferentes cidades trocam hospitalidade entre si. **SAG**- Serviço de Acompanhante Gay - Somente para associados⁸ (JORNAL DO GAY, 1980, p.19).

O Circulo Corydon possuía cerca de 10 mil associados, segundo dados divulgados nas edições do *Jornal do Gay*. Para ser sócio era necessário pagar uma taxa anual de Cr\$ 400.00. A revista *Gay News* também pertencia a entidade, tendo sido adquirida em 1979. A *Gay News - Informativo Mundial dos Entendidos*, era produzida originalmente pelo grupo gay internacional Henry Tudor Bookshop, e tinha como editor nessa fase inicial David Wallace Brown.

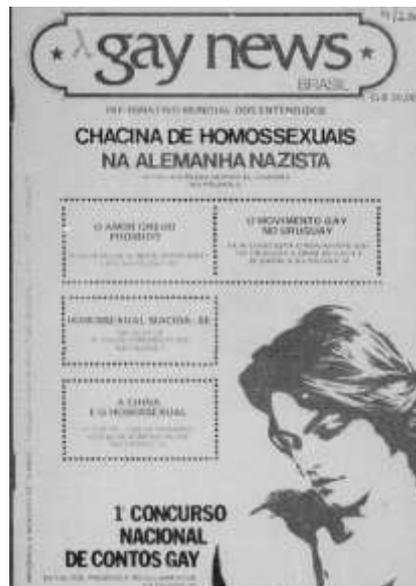


Figura 2: Capa da revista Gay News de janeiro de 1979

⁸ Grifos originais do texto.

O anúncio publicado no *Jornal do Gay* sobre a compra do *Gay News* nos ajuda a delimitar o perfil de cada publicação. A notícia em um dos seus trechos informa que: "Portanto São Paulo conta agora com dois jornais gays de ideologias divergentes que pertencem à mesma entidade. Enquanto o **Jornal do Gay** continua com sua linha cultural e artística o **Gay News** prossegue informativo, crítico e atuante"⁹.

A leitura das edições do *Gay News* e do *Jornal do Gay* nos permite concordar parcialmente com a definição de posicionamento assumida pelo jornal. Matérias sobre piratas gays no caribe, monarcas homossexuais, livros internacionais de temática gay, relatos sobre a vida cultural de guetos homossexuais no Japão e Nova York além da produção de artistas internacionais homoeróticos eram encontradas facilmente nas páginas do *Jornal do Gay*. Enquanto no *Gay News* eram recorrentes textos sobre a perseguição a homossexuais em países ao redor do mundo, enfocando por exemplo no lugar do homossexual em regimes nazistas ou nos problemas enfrentados pelo movimento gay do Uruguai.

Logo, não poderíamos afirmar que os jornais apresentam "ideologias divergentes". As publicações apresentam linhas editoriais divergentes com relação aos enfoques temáticos mas dão o mesmo enquadramento sobre a homossexualidade, privilegiando uma rede de informações internacionais. O que percebemos por meio da análise é a utilização de estratégias opostas para reafirmar o modelo internacional de homossexualidade baseado na figura do gay que se sedimentaria entre as décadas de 1970 e 1980.

O diretor do Circulo Corydon, Antonio Massaro Kirihara, eram também o editor de todas as publicações da associação. Identificado usualmente como Massaro o publicitário filho de japoneses tinha editado antes do surgimento da entidade o jornal *Mundo Gay* que durou três edições. A Central Gay de Informação lançou em 1980 um boletim sobre notícias do movimento gay brasileiro em que a atuação de Antonio Massaro é enaltecida, sendo chamado de "Papa do Movimento Gay Brasileiro". O texto em questão foi publicado em inglês, francês e alemão e reproduzido pelo *Jornal do Gay*, em sua edição nº6 de 1980.

O boletim da Central Gay de Informação atribui o papel de destaque assumido por Antonio Massaro ao fato de: "ter sido ele o primeiro homossexual brasileiro a publicar um jornal gay e por sua luta pela união da classe"¹⁰. O argumento apresentado é facilmente

⁹ Destaques originais do texto.

¹⁰ Tradução do autor. Trecho original: "He is considered the Pope of the Brazilian Gay Movement because he was the first Brazilian homosexual to publish a gay newspaper and struggle for the union of his class".

contestado, tendo em vista que já circulava no país desde 1963 o *Snob*, considerado o primeiro jornal assumidamente homossexual do país.

O ativista do movimento pelos direitos dos gays em São Paulo nos anos 70, Daniel Franco, lança em parceria com a Central Gay de Informação o texto "O homossexual Brasileiro nas últimas três décadas" no qual a atuação de Antonio Massaro Kirihara é novamente destacada. Ao traçar o histórico da imprensa homossexual no Brasil, o ativista aponta que "um jovem publicitário, chamado Massaro, importa uma novidade: o termo gay que substitui os anteriores, e lança o jornal 'Mundo Gay' (JORNAL DO GAY, 1978, p. U).

O pioneirismo de Massaro na utilização da terminologia gay é novamente questionável. Segundo a linha do tempo sugerida por Daniel Franco o *Mundo Gay*, primeiro jornal de Antonio Massaro, é posterior a publicação do folheto *Entender* lançado por Mauro Mora e Miltão na cidade de São Paulo no início de 1977. No entanto, a expressão gay vinha sendo empregada desde a segunda metade da década de 60, tendo existido a Associação Brasileira de Imprensa Gay, em 1969, e o jornal *Gente Gay*, em 1976, como indica Green (2000).

A singularidade da atuação de Massaro na história do movimento homossexual brasileiro e da sua imprensa gay estaria indicada, em nossa visão, nos subtítulos dos seus jornais lançados pelo Circulo Corydon. Ambas as publicações destacam a figura do entendido em seus enunciados, o *Gay News* seria o *Informativo Mundial dos Entendidos* enquanto o *Jornal do Gay* o *Noticiário do mundo entendido*. As designações dos títulos utilizam a competência linguística da expressão "entendido", acionando o jogo de valores atribuído a palavra. A carga simbólica que circulava o termo era regida, neste contexto, pelo discurso dos movimentos de libertação homossexual internacional que tomam para si o heterossexual como referencia buscando construir a imagem do homossexual em nível de igualdade com o padrão heterossexual, sem com isso, questionar as estruturas que estabelecem esse sistema.

A homossexualidade, assim como a heterossexualidade, não é inata ao sujeito ou socialmente estanque. O que compreendemos enquanto hetero e homo são regimes de práticas naturalizadas discursivamente. A história da homossexualidade brasileira apresenta matrizes discursivas distintas que corroboram para formar os modelos de homossexualidade. O que percebemos nos enunciados do *Jornal do Gay* e do *Gay News* é o movimento de incorporação do modelo gay norte-americano que leva a criação no país de um novo formato de viver a homossexualidade.

A partir da difusão do modelo "gay" norte-americano - o macho man- que lutava por direitos iguais entre homossexuais e heterossexuais- emergiu no Brasil a imagem do "entendido", com seus pontos de encontro, bares e restaurantes, suas boates e saunas, os cinemas, as praias de Copacabana no Rio de Janeiro e seu trecho "gay"- a *Bolsa*- os bailes carnavalescos Galga Gay, a Banda de Ipanema e a invasão das escolas de samba de carnavalescos como Joãozinho Trinta (GONTIJO, 2009, p.27-28).

O *Jornal do Gay* e o *Gay News* simbolizam a figura do entendido. Este modelo de identidade dominou a hegemonia da representação sobre a homossexualidade no final dos anos 70 e nos anos 80, o que possibilitou, a formação de uma subcultura gay nos grandes centros urbanos, como destaca Gontijo (2009). A formação dessa identidade abstrata essencialista está associada a tentativa de formação de uma comunidade gay internacional que conferisse legitimidade as práticas homossexuais. A busca em estabelecer uma cultura homossexual comum ao redor do mundo está presente tanto nos subtítulos da publicação como no elevado número de matérias sobre a cultura e a história de personagens de gays ao redor do mundo.

O entendido seria a versão brasileira do *gay* que surge na Europa e nos Estados Unidos. Essas categorias nascem com os movimentos de libertação homossexual sendo responsáveis pela ratificação da representação do homossexual moderno. Fry (1982, p.105) em sua reflexão sobre a construção histórica da homossexualidade no Brasil define o entendido como "uma identidade que engloba todos os machos¹¹ com uma orientação homossexual".

A tentativa de implementação de um corpo social gay que estivesse para além dos limites territoriais teve como consequência a difusão e defesa de uma cultura gay segmentada e guetificada. O entendido/gay surge como personagem desse novo movimento de libertação homossexual. Fry (1982, p.104) denomina este modelo como igualitário, para o autor, "o termo entendido, que nomeia uma identidade nova é que vai lutar contra a tradicional divisão do mundo dos homens entre bichas e homens do modelo hierárquico".

A imagem do entendido enquanto representante da comunidade LGBT é implementada com o objetivo de se sobrepor ao modelo hierárquico que estava em vigor nos anos 1960. O modelo hierárquico é baseado na divisão dos passeis sexuais entre ativos e passivos. Segundo este modelo todo heterossexual é obrigatoriamente ativo, já os homens

¹¹ O autor estabelece a divisão entre o que denomina de "machos", que seria equivalente ao sexo fisiológico, e os papéis de gênero como base para o seu pensamento.

que mantém relações sexuais com outros homens não necessariamente são taxados como homossexuais.

O modelo hierárquico é representado pela figura da bicha. Para ser identificado enquanto tal o sujeito deveria desempenhar o papel de passivo no ato sexual. O homem que penetra outro homem - o bofe- não é necessariamente considerado "viado" perante esse modelo. Dessa forma, os regimes de masculinidade no modelo hierárquico estariam divididos entre ativos/passivos e homens/bichas enquanto no modelo igualitário teríamos a divisão entre heterossexuais/homossexuais e homens/entendidos(gays).

O mundo masculino deixa de se dividir entre homens másculos e homens afeminados como no primeiro sistema, e se divide entre "heterossexuais" e "homossexuais", entre "homens" e "entendidos". É importante frisar que o "homem" não é o mesmo que no sistema anterior, pois naquele, o "homem" poderia desempenhar comportamentos homossexuais se se restringisse à "atividade". Neste novo sistema, o macho que se relaciona sexualmente com outro macho, mesmo "ativamente, deixa de ser "homem mesmo" e vira "entendido" ou "homossexual"(FRY, 1982, p.94).

As nomenclaturas aferidas aos modelos identificados por Fry(1982) se relacionam com as relações de poder desempenhadas entre os papéis estabelecidos por cada regime. Ambos os sistemas classificatórios da homossexualidade brasileira têm como referencial básico o imperativo heterossexual, que é adotado como o regime de normalidade.

No modelo hierárquico, o corpo identificado como homossexual, a bicha, toma para si (ou lhe é atribuída) as características conferidas ao papel da mulher em uma relação heterossexual. A bicha, dessa forma, assumiria um papel de inferioridade perante ao homem heterossexual e ao bofe que a penetra. Dentro da lógica falocêntrica que rege a heteronorma o homossexual seria um corpo amorfo duplamente pois tenta se marcar sócio-sexualmente com o papel inferior de feminino além de cometer o delito de não utilizar corretamente o falo que possui.

O regime igualitário reivindica a associação do entendido com o homem heterossexual. Guimarães (2004) desenvolve uma pesquisa etnográfica pioneira na década de 1970 com um grupo de sujeitos que se autoidentificam como homossexuais. A autora, ao observar as práticas de um *network* de amigos entendidos conclui que "a ênfase em "ser homem" na realização desta opção sexual leva a um esforço deliberado para desenvolver padrões de comportamento sexual considerados indispensáveis aos heterossexuais"(GUIMARÃES, 2004, p.93).

O regime representado pela figura do entendido apresenta uma pretensa simetria de poder entre as relações na medida que reivindica a igualdade no status de homossexual a

todos os homens que tem relações sexuais com outros homens, assim como, pleiteia uma equidade entre heterossexuais e homossexuais.

A divisão temporal que indicamos entre os dois modelos se referem aos anos em que cada sistema ganhou maior representatividade. O entendido não substitui a bicha, ambos os sistemas coexistem e em muitos momentos se embaralham. Apresentamos eles de forma distintas para fins didáticos, acreditando que a sistematização de cada modelo facilita sua compreensão. Porém é inegável a disputa entre o modelo igualitário e o hierárquico pela hegemonia da representação do ideal de homossexualidade.

A disputa pela verdade do ideal de homossexualidade pode ser percebida na matéria "Questões Homossexuais" publicada na edição nº6 do *Jornal do Gay* de 1980. O texto, escrito por Aristides Penaforte coloca os corpos identificados enquanto homossexuais segundo o modelo hierárquico como anormais. Para o autor, "o organismo social geralmente exibe as exceções como sendo regras institucionalizando como exemplos homossexuais apenas os travestis, as bonecas, as bichas, para falar dos mais comuns, estes sim, patologicamente anormais".

A marginalização dos sujeitos que se vinculam ao regime de subjetividade do modelo hierárquico é feita pelas publicações do Circulo Corydon por meio de um discurso de extrema violência simbólica. A morte do estilista Dener, considerado um dos pioneiros da moda brasileira, é noticiado pelo *Gay News* com o título "O enterro da Boneca". A matéria assinada por Valentina Guerra já demonstra em suas primeiras linhas o preconceito aos homossexuais afeminados, para a jornalista, "Denner, a costureira da agulha dourada, morreu e já foi tarde". Todo o texto trata o personagem de forma pejorativa, elencando elementos associados ao feminino como aspectos desmerecedores de toda a trajetória de vida do estilista. Se em muitos casos o *Jornal do Gay* e *Gay News* reivindicam a morte simbólica da bicha e da boneca neste texto o falecimento prematuro de Denner é comemorado. A notícia fecha com a frase: "Basta por aqui, ela não merece maior atenção. Que a terra lhe seja pesada".

Considerações Finais

Por meio das matérias publicadas, percebemos que o *Jornal do Gay* e o *Gay News* promovem a luta pela conquista de direitos e o reposicionamento da imagem do homossexual. O conteúdo utilizado foge, na maioria das vezes, do teor crítico e reflexivo adotado por outros jornais de sua época, como o *Lampião*. A publicação adota como

estratégia enunciativa a conquista da esfera cultural e histórica para a construção do homossexual enquanto cidadão.

A maior temática visibiliza pelas publicações jornalísticas do Circulo Corydon são os vestígios de práticas homossexuais nos mais diversos pontos do mundo ao longo da história. Ao explicitar práticas sociais não heterocentradas os jornais denunciam a artificialidade do imperativo heterossexual, questionando a heterossexualidade compulsória a qual a sociedade ocidental foi exposta.

No entanto, o *Jornal do Gay* e o *Gay News* instituem a heterossexualidade como padrão afetivo social. O papel desempenhado pelo ideal do homem heterossexual é colocado pelas publicações como o modelo a ser seguido para os gays. A cidadania homossexual seria assim alcançada pelos corpos que normatizarem suas práticas.

REFERÊNCIAS

BETANCUR, Juan David Gonzáles. André Gide e o discurso imoralista. **Periódicus** - Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades, v. n.4 v.1, p. 58-75, 2015.

BOBBIO, Norberto. **A Era dos Direitos**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

_____. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guarcira Lopes (Org.). **O Corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth** (UNICAMP), Campinas, v. 10, n.18/19, p. 79-123, 2003.

FERREIRA, Vinicius Ribeiro Cordão. **Reflexões sobre o novo regime de visibilidade homossexual nas páginas do Lampião**. In: Anais do XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, São Paulo: Intercom, 2015.

FRY, Peter Henry. **Para Inglês Ver**: identidade e cultura na sociedade brasileira. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FRY, Peter Henry; MACRAE, Edward. **O que é Homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GREEN, James N. **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Unesp, 2000.

LIMA, Venício Artur de. Da cultura do silêncio ao direito à comunicação. **Observatório da Imprensa**, nº669, 2011. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_da_cultura_do_silencio_ao_direito_a_comunicacao>. Acesso em: 15 Mar. 2014.

MARSHALL, Thomas H. **Cidadania, Classe Social e Status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Intensidades Eróticas**: a questão gay em debate. Rio de Janeiro: E-papers, 2014.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis** - afeto, mídia e política. 1. ed. Petropolis: Editora Vozes, 2006.